

Documentário Fluxo: as reflexões sobre os tabus menstruais com estudantes de escola pública. ¹

Ana Catharina Oliveira SANTOS²
Betânia Maria Villas Boas³
Monick Evely Oliveira de MELO⁴
Natalia Pereira SILVA⁵
Telma Maria Santos SANT'ANA⁶

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA.

RESUMO

Os tabus em torno do ciclo menstrual são baseados em uma sociedade construída por uma ótica machista e misógina, são narrativas com estigmas preconceituosos em relação a um ciclo que segundo as ciências biológicas é natural. Dentro dessa perspectiva, foi produzido um documentário com essa temática, com o principal objetivo de refletir sobre esse tema e trazer um discurso que humanize pessoas que têm menstruação. Para a realização dessa produção, foi feita uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo junto a estudantes secundaristas de uma escola pública em Itabuna, Bahia.

PALAVRAS-CHAVE: Menstruação, Tabus, Machismo, Documentário e Educação.

CORPO DO TEXTO

Os assuntos abordados acerca do corpo feminino, dos direitos das mulheres e de sua humanidade por completo, há anos foram e são atravessados e dominados pela organização do patriarcado, em que se tem o controle de ordem masculina, que se fomenta para reprimir e controlar os corpos femininos em seu detrimento, mulheres sempre tiveram que se adequar a um discurso que moldasse o seu comportamento e o seu pensamento, se tornando um objeto manipulável na mão de homens. Essa manipulação acontece em várias instâncias, seja no corpo físico da mulher, no sentido

¹ Trabalho apresentado na IJ 07 - Comunicação, espaço e cidadania do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação do 7 semestre do Curso de Comunicação Social - Rádio e TV na Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, e-mail: acosantos.cos@uesc.br

³ Orientadora do trabalho, doutora em educação (UEPB) e docente do Curso de Comunicação Social na Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, e-mail: bmvbbarreto@uesc.br

⁴ Estudante de Graduação do 8 semestre do Curso de Comunicação Social - Rádio e TV na Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, e-mail: monick_mello@outlook.com

⁵ Estudante de Graduação do 8 semestre do Curso de Comunicação Social - Rádio e TV na Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, e-mail: natalia.elean@outlook.com

⁶ Estudante de Graduação do 8 semestre do Curso de Comunicação Social - Rádio e TV na Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, e-mail: tmsantana.cos@uesc.br

psicológico, no emocional e também no poder aquisitivo da mesma. Como bem conceitua Simone de Beauvoir (2009): “O mundo sempre pertenceu aos machos”. Dessa maneira, entende-se que o domínio dos corpos femininos é algo que se passa por anos na história da humanidade.

No que se refere a menstruação, segundo Ramalho (2013), durante algum tempo, a menstruação foi vista como algo impuro, sujo, por muitas civilizações, em algumas a considera como espírito maligno, em outras como uma maldição. Culturalmente, as mulheres são ensinadas a tomar vários cuidados quando estão menstruadas, chegando a se isolar nesse período. Essas atitudes estão relacionadas ao ciclo menstrual, que deveria ser algo tratado como natural, sendo este um processo pelo qual quase toda mulher ou quem tem menstruação passa em boa parte da vida, acaba se tornando algo não natural e punitivo, o que atinge diretamente na relação da mulher e de quem menstrua com o seu corpo.

Em 2018, a marca Sempre Livre da Johnson & Johnson em parceria com a KYRA Pesquisa & Consultoria, fez um estudo global, em que foram entrevistadas 1500 mulheres de 14 a 24 anos, em cinco países: Brasil, Índia, África do Sul, Filipinas e Argentina, revelando que 56% se sentem incomodadas durante o período menstrual e aliviadas após o término dele, 46% das mulheres escondem o absorvente no caminho ao banheiro e 30% acham a menstruação nojenta. Esse estudo só confirma o estigma sobre menstruação, e mostra as consequências que as mulheres sofrem por viver em uma sociedade que inviabiliza o fenômeno natural do corpo feminino, resultando na maneira como elas vivenciam e enxergam o processo de menstruar e ter o contato com o seu próprio sangue menstrual.

Dessa maneira, o tabu da menstruação está ligado a idealização do corpo “perfeito” que não sangra, não sente. Esse silenciamento da sociedade perante a menstruação, vem sendo cada vez mais discutido em rodas de conversa, âmbitos escolares, movimentos feministas, o que possibilita no processo de rompimento desses tabus, e a forma como as mulheres e pessoas que menstruam lidam com os seus corpos, mostrando que o ciclo menstrual é algo natural e não punitivo.

Ao se debruçar em uma temática tão intimista, se faz necessário recorrer aos métodos e ensinamentos de Paulo Freire (1987), em que fala da relação do educador e do educando, uma interação de aprendizado e compartilhamento de discursos de ambos

os sujeitos, levando essa narrativa para o campo do audiovisual, é criado esse canal de interação entre o documentarista e o entrevistado

A realização de um documentário sobre os tabus da menstruação, envolve muitas problematizações, pois é um assunto complexo, mas antes de falar do assunto abordado na obra audiovisual em questão, é necessário saber o conceito de documentário, que segundo Bill Nichols (2005), documentário é uma marca digital que determina como vamos ver o mundo. Dessa maneira, o documentário segue pelo o eixo conceitual, pedagógico e comunicacional, como aborda Kaplún (1996), sobre a comunicação e a educação.

Pensando em um público que está se descobrindo, tanto no sentido físico, como no sentido emocional e psíquico, além disso, provavelmente iniciando as suas primeiras experiências sexuais, existe a necessidade de se criar produtos audiovisuais, como por exemplo: um documentário, com o objetivo de debater de forma humanizada sobre a temática, principalmente, por existir tantos discursos machistas, sexistas, e misóginos em relação aos corpos tidos como femininos.

Dessa maneira, surgiu o documentário Fluxo, que contém três personagens adolescentes com idades semelhantes, mas, vivências e discursos diferentes em relação ao seu período menstrual.

Antes da realização do documentário, foi realizada uma pesquisa de campo em um colégio público, na cidade de Itabuna/BA, essa atividade aconteceu no Colégio de Complexo Integrado de Educação de Itabuna - CIEI , com um grupo de quase 60 estudantes entre 15 a 20 anos de idade, vale ressaltar que participaram desta pesquisa, pessoas que menstruam e não menstruam. Essa observação serve como base para comprovar que os discursos vulgares e falaciosos sobre a menstruação ainda continuam, partindo da concepção de que o ambiente escolar, pode oferecer uma narrativa desconstruída em relação a pensamentos machistas e misóginos, foi pensando em realizar esse questionário nesse ambiente para saber como esse tema é abordado nas escolas, qual o discurso que está sendo passado para adolescentes? Quais as respostas deles sobre a menstruação?

Mais de 80% dos resultados do questionário aplicados no Colégio CIEI, revelam que a menstruação, a educação sexual e também questões de gênero não são falados em sala de aula, podendo afirmar que são assuntos negligenciados, conseqüentemente por

diversos tabus moralistas e estigmas preconceituosos, em que a sociedade deposita em relação a essa temática.

Falar sobre menstruação em sala de aula ainda causa muito desconforto, o que é surpreendente, já que a menstruação, sexo e métodos contraceptivos fazem parte da rotina desses adolescentes, mas quando é discutido em sala de aula, se torna polêmico, e muitas vezes algo desconhecido. O que foi perceptível nas respostas discursivas dadas nos questionários, ou até mesmo verbalizado no momento da aplicação do questionário em sala de aula.

A realização do documentário Fluxo, revela a importância do audiovisual na educação escolar, pois essa obra serve como instrumento de aprendizagem para alunos e alunas e também para a sociedade de forma geral, trazendo a reflexão sobre visões negativas a respeito da menstruação. Por meio das performances das personagens do documentário é possível criar um sentimento de empatia, principalmente por parte das pessoas que menstruam, além disso, é possível entender como todo esse processo machista e misógino oprime pessoas que têm menstruação. Sendo assim, um dos caminhos para que se humanize esse processo biologicamente natural é abordando sobre a temática com um olhar atento e profundo, e o audiovisual possibilita esse tipo de imersão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. vol. I. Fatos e Mitos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. Tradução de Sérgio Milliet (1949).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

KAPLÚN. G. **Materias “educativos” que não educam, materias “não educativos”, que educam**. Revista La Piragua. Santiago do Chile:CEAAL, n. 32- 13, 1996.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.

RAMALHO, Viviane. **Viva sem menstruar: representações da saúde na mídia**. In: SATO, D. & BATISTA JÚNIOR J. R. (Org.). Contribuições da Análise de Discurso Crítica no Brasil: uma homenagem à Izabel Magalhães. Campinas. Pontes, 2013, p. 231-255.

SOCIAL INOVA. **SEMPRE LIVRE: lança pesquisa global sobre menstruação**. Disponível em:



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande/PB – 20 a 22/06/2023

<<https://inovasocial.com.br/investimento-social-privado/sempre-livre-pesquisa-global-menstruacao/>>. Acesso em: 13 maio, 2022.